

Mundo

DANIEL BIASSETTO
daniel.biassetto@oglobo.com.br

Izile Mphahlele ainda era adolescente quando foi às ruas comemorar a vitória de Nelson Mandela, sacramento naquele 27 de abril de 1994. Até então, tinha saído de casa para não presenciar o banho de sangue imposto por um regime brutal de segregação racial, que durou quase cinco décadas e ficou conhecido como apartheid (separação, em africâner). Mandela, na quarta-feira histórica, tornou-se o primeiro negro a conquistar a Presidência da África do Sul, após passar 27 anos, dos seus então 75, na cadeia. Condenado à prisão perpétua junto a dezenas de companheiros acusados de terrorismo, viu seu nome se transformar em um ícone global da luta contra um governo racista de minoria branca, responsável pela morte de aproximadamente 20 mil pessoas, quase todas negras. O mundo clamou por sua libertação.

Passados 30 anos do Dia da Liberdade, completados ontem, Mphahlele se tornou um respeitado chefe de cozinha e disputado guia cultural de Johannesburg, por onde caminha enquanto aponta os painéis e grafites gigantes nos edifícios, desenhos que mantêm viva a memória de dor e desespero de milhares de famílias vítimas de uma ideologia discriminatória e opressiva. Apesar das conquistas importantes, no entanto, para ele o "legado do apartheid ainda está vivo".

— Você ainda encontra áreas que são predominantemente brancas, indianas, chinesas, e a minoria branca ainda possui a terra e dirige a economia. O apartheid está vivo, mas agora não é tão físico e racial como antes, é mais intelectual e econômico. Uma pessoa branca com as mesmas qualificações que um negro ainda recebe mais — afirma ele, nascido em Mthatha, cidade natal de Mandela.

O fim do apartheid com a eleição de Mandela, em 1994, proporcionou uma série de transformações sociais indiscutíveis, com revogação de leis discriminatórias e políticas de inclusão bem-sucedidas. Mas a desigualdade persiste. Hoje, estima-se que 40% dos cargos de gerência em empresas sul-



Passado e presente. Os reis da Holanda, Willem-Alexander e Máxima, visitam o Museu do Apartheid em Johannesburg, em 2023. diferenças sociais persistem

IGUALDADE ADIADA

Herança do apartheid segue viva 30 anos depois na África do Sul

africanos sejam ocupados por negros, que são 81% da população. Na Cidade do Cabo, capital legislativa, no extremo sul do país, percebe-se ainda menos negros em postos de liderança, e os brancos e estrangeiros dominam as vizinhanças, um dos pontos fortes da economia sul-africana, e exploram o setor do turismo, impulsionado por suas belezas naturais.

JOVENS DESILUDIDOS

Andar pelas ruas de Johannesburg, maior cidade da África do Sul, cuja população é de aproximadamente 5 milhões de habitantes, nos remete às grandes capitais do Brasil. Tanto nos bairros menores quanto em seu centro financeiro, é comum ver mansões próximas às favelas, e concessionárias de carros importados na mesma via onde moradores em situação

de rua se amontoam em barracas improvisadas.

— É uma mazel que não conseguimos vencer com o fim do apartheid. Ainda há pessoas vivendo sem o básico como água e moradia adequada. Sequer temos energia por 24 horas seguidas — completa Mphahlele.

E ao mesmo tempo em que respira uma liberdade impensável até 1994, ele vivencia um impasse compartilhado com outros compatriotas, em sua maioria jovens, hoje críticos à gestão do Congresso Nacional Africano (CNA), movimento antirracista que virou partido e levou Mandela à vitória inédita há 30 anos.

— A geração mais jovem sente que a liberdade de movimento e de expressão não é suficiente. As pessoas estão um pouco cansadas das promessas vazias e da corrupção de parte do partido.

O advogado Emile Myburgh, de 51 anos, nascido e criado em Johannesburg, concorda:

— A maioria dos jovens não está nem aí para as eleições. Perderam a fé que votaram por 24 horas seguidas suas vidas, porque todos os políticos são acusados de roubar. Ou já decidiram que vão emigrar um dia. Infelizmente, o futuro do país não é muito relevante para eles. São os jovens os mais afetados pelo recorde de desemprego, acima dos 30%. Especialmente os não escolarizados — fala mal de obra qualifi-

cada no país. A porcentagem de adolescentes que não completaram o ensino médio chega a 46%.

— Para eles, não há futuro — diz Myburgh, que é branco, destacando, no entanto, que muitos negros ascenderam de posição após o apartheid. — A porcentagem de negros que conseguiu subir a escada de riqueza é impressionante. E se, proporcionalmente, os brancos ainda controlam mais o dinheiro, isso está mudando por vários motivos, inclusive graças à política

"Dia da Liberdade". Izile Mphahlele, chefe de cozinha e guia cultural, celebra nas ruas o fim da segregação

ARQUIVO PESSOAL

Na sua opinião qual foi o "mal maior", entre tantos outros, do regime de separação?

Hendrik Verwoerd, nacionalista africânder, nomeado pela História como o "arquiteto do apartheid", queria implantar o conceito tão profundamente na sociedade de modo que nenhum governo futuro seria capaz de desfazer o que havia sido feito. Eles em parte conseguiram isso. Os que acreditaram na democracia, implantada em 1994, desafiavam justamente essa ordem moral, apostando na possibilidade de se conviver com as diferenças, de diminuir o fosso da desigualdade social e de elaborar um sistema jurídico igualitário, no qual todos os cidadãos seriam iguais perante a lei.

E para isso, qual foi a espinha dorsal do regime?

Entendo como espinha dorsal o esforço de evitar a miscigenação aqui entendida como aniquilamento. O

objetivo era regular a intimidade e moralizar o espaço público, visando a um horizonte de segregação total.

Como se deu o movimento que deu sustentação à oposição para que o regime passasse a ser confrontado?

O apartheid tem um dever suicida, assim como o nazismo também tem. Operar racialmente leva a um beco sem saída. Mas muitos são os fatores que levaram ao fim do regime, e eu destacaria a inquebrantável oposição, sobretudo dos negros e colóides [negros e sul-africanos que receberam apoio de muitos brancos]. Mas queria chamar atenção também para os chamados países da linha de frente. Houve um forte trabalho de oposição na própria África Austral: Zâmbia, Tanzânia e Botswana, Angola, Moçambique e Zâmbia construíram uma linha de frente para apoiar as lutas de libertação em seus países e nos vizinhos.

de Empoderamento Econômico Negro do governo. Enquanto lida com a tentativa de promover mais igualdade entre as classes sociais, o presidente Cyril Ramaphosa enfrenta grandes problemas nas áreas de saúde e segurança — com altas taxas de criminalidade e violência. Além do desemprego, a crise de eletricidade deixa a população às escuas em sucessivos apagões. Corrupção, infraestrutura inadequada e falta de investimentos na educação estão entre as principais queixas das pessoas que conversaram com a reportagem de O GLOBO.

SEMPARLAMENTARISMO

Neste cenário, a eleição presidencial marcada para o dia 29 de maio chega em um momento delicado para Ramaphosa, que busca a reeleição. Pesquisas recentes mostram que o CNA corre o risco de perder a maioria no Parlamento pela primeira vez desde que chegou ao poder.

Segundo os números, o partido deve ficar abaixo dos 50% dos votos, o que forçaria uma coligação com a oposição para manter no cargo Ramaphosa, alvo de uma CPI que quase lhe custou o mandato por denúncias de corrupção. O principal partido opositor é o Aliança Democrática, de orientação liberal, maior crítico do CNA.

O ativista e ex-líder sindical apoiado por Mandela até sua morte, em 2013, é hoje um dos empresários mais ricos do país. Ganhou confiança dos sul-africanos e foi eleito em 2018 com um duro discurso de combate à corrupção em contraponto aos escândalos que mancharam o mandato de seu antecessor, Jacob Zuma, hoje impedido de concorrer nas eleições por ser "ficha suja".

Com um sistema semiparlamentarista, as eleições funcionam de forma distorcida: os sul-africanos votam, a cada cinco anos, em uma legenda e não em um candidato. Após a votação, as vagas são distribuídas entre as 400 cadeiras do Parlamento que, em seguida, elege o presidente — que é chefe de Estado e de governo ao mesmo tempo. Um sistema que nas últimas três décadas favoreceu o CNA. Pelo menos até agora.

*Repórter viajou a convite da South Africa Tourism e Latam

ENTREVISTA

Laura Moutinho ANTROPOLOGA

'EVITAR A MISCIGENAÇÃO FOI A ESPINHA DORSAL DO REGIME'

JORNALISMO

Pesquisadora da Universidade da Cidade do Cabo, a principal do país, a antropóloga e escritora brasileira Laura Moutinho foi se sente em casa quando cruza o oceano toda vez que tem uma missão no país sul-africano. A mais recente é contribuir com o monitoramento das eleições, daqui a um mês, que prometem agitar a cena política em meio às comemorações dos 30 anos da democracia e do fim do apartheid. Em entrevista ao GLOBO, Moutinho, que também é professora do Departamento de Antropologia da USP, revivida alguns fantasmas do apartheid para dar uma noção dos

processos pelos quais a África do Sul precisou passar para chegar aos tempos atuais, em que ainda há muito por fazer. "Observe, sobretudo, o que ficou enquistado, apesar de todo o esforço da geração de Nelson Mandela (...) para construir uma ordem moral humanista, no sentido de sustentar a democracia".

Quais as consequências internas e externas do apartheid para os grupos étnicos no país?

O apartheid é conhecido pela sua face pública: praias separadas, bairros segregados, bibliotecas, piscinas, escolas, banheiros... O que

fica menos evidente para o público em geral é que o objetivo mais amplo foi evitar a miscigenação, entendida como um processo de destruição física e cultural, de aniquilação mesmo [dos negros]. A plataforma de governo do Partido Nacional foi, de um lado, criminalizar os casamentos inter-raciais, de outro, "proteger" os brancos africanos das ameaças externas que eram então entendidas como o capitalismo, o imperialismo, o comunismo e os judeus. Os colóides, como são chamados os mestiços, foram então sendo empurrados para uma construção étnica, cultural e linguística específica. Muitas famílias multirraciais foram separadas a partir dessa dinâmica. A separação agiu de modo microscópico no cotidiano. O processo de construção da segregação levou ao desenvolvimento de uma concepção militarizada, racial, religiosa e de gênero de cidadania.